

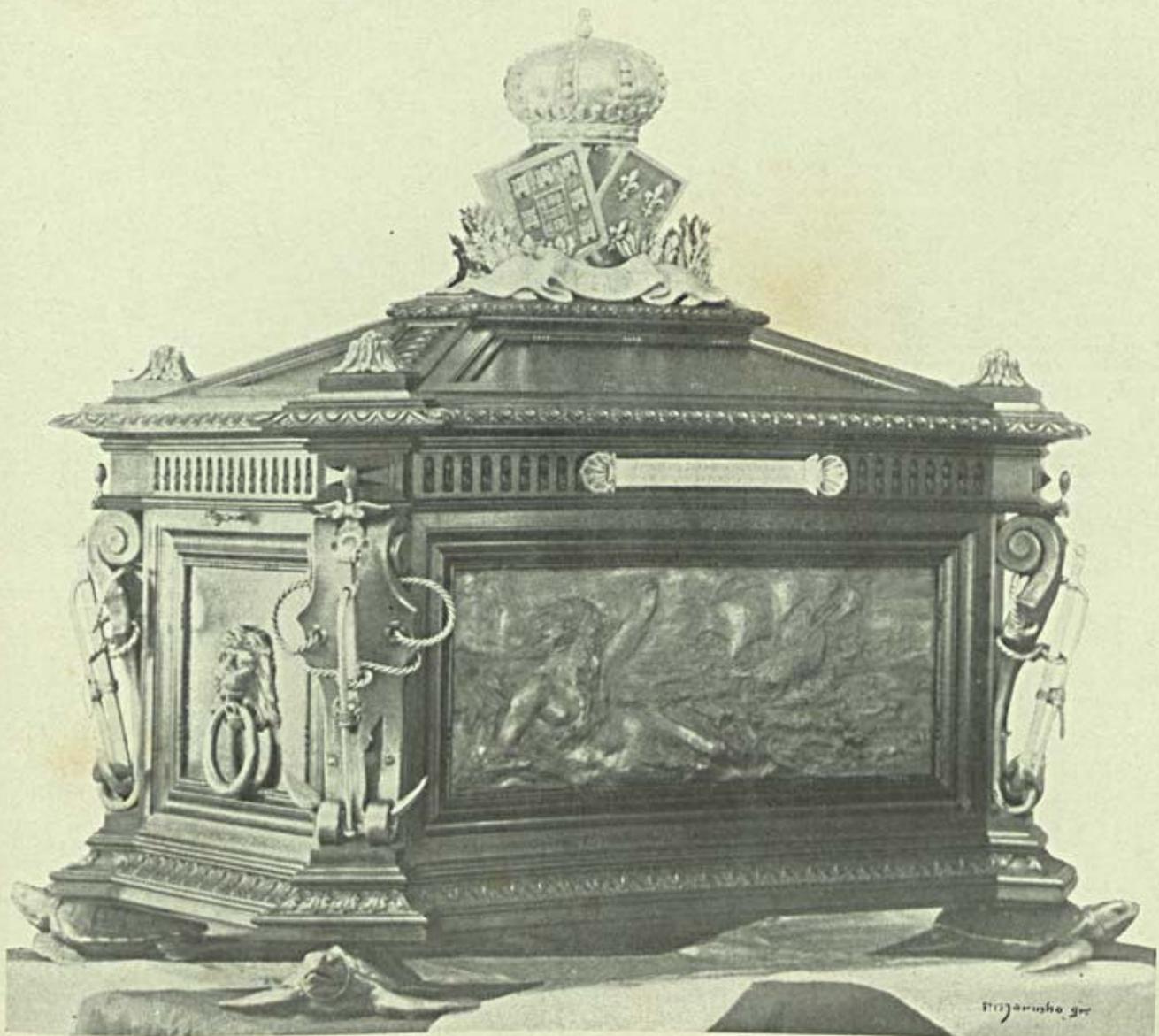
BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1907

N.º 211

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETÁRIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editoras, L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Festa naval na bahia de Cascaes



Cofre onde se guarda a bandeira oferecida por Sua Magestade a Rainha á Armada Portugueza

Cliché de Vidal & Fonseca).

Festa naval na bahia de Cascaes

Aproveitando o facto da offerta de uma bandeira, feita por Sua Magestade a Rainha á nossa armada, realisou-se, no dia 13 do mez findo, uma festa maritima na bahia de Cascaes, promovida por uma commissão dos mais distinctos officiaes da nossa marinha de guerra, sob a presidencia do vice-almirante sr. Guilherme Capello.

Festa destinada a desviar as attentões do publico para os assumptos da nossa armada e a exaltar o espirito do marinheiro no



Festa naval na bahia de Cascaes
Vice-almirante Guilherme Capello
Presidente da commissão organisadora

(Cliché de J. Fernandes — Lisboa).

culto da bandeira teve, como era de esperar, dada a competencia dos seus promotores e a sympathia do nosso povo pelas coisas do mar, um brilhantismo extraordinario. Festas d'este genero constituem um espectáculo ao mesmo tempo imponente, commovedor e



Festa naval na bahia de Cascaes
1.º Tenente Pereira de Mattos

Secretario da commissão organisadora

(Cliché Vasques — Lisboa).



Festa naval na bahia de Cascaes

1. Cruzador «D. Carlos» depois da entrega da bandeira offercida por Sua Magestade a Rainha. — 2. Cunha «Taviras» e os barcos de soccorros a naufragos. — 3. Um aspecto do cortejo naval. — 4. Jangadas de Avintes. — 5. Escaleres dos cruzadores

(Clichés de A. C. Lima).

salutar, impondo se á sua repetição como meio de fazer pensar a sério na defeza maritima de Portugal. Ao mesmo tempo que trazem á memoria um passado já distante em que o nosso paiz era grande porque a bandeira portugueza, fluctuando nos mastros de numerosas armadas, atravessava todos os mares temida e victoriosa, concorrerão de certo para lançar no esquecimento pequenas questões de uma politica mesquinha em que andamos sempre envolvidos, desviando d'ellas a attenção do publico e concentrando-a por completo na resolução de um problema da maxima importancia como é o da defeza da terra em que pela primeira vez vimos a luz do sol e a do patrimonio que os nossos antepassados nos legaram.

Não sabe o povo qual é a marinha que mais nos convem, não se importa, nem precisa entrar n'uma discussão que só officiaes da armada podem tratar com competencia. O que o povo sabe já ou ha de vir a comprehender, porque se impõe á logica do mais simples bom senso, é que — assim como a defeza terrestre necessita de soldados — a defeza maritima exige marinheiros e exige navios. Quando o povo se compenetrar bem d'este facto, quando pensar n'elle a sério — e não será isso difficil n'um povo que ama as



Festa naval na bahia de Cascaes

A taça de honra da Liga Naval Portuguesa ganha pelo primeiro escalon da canhoneira «Dius»

suas glórias e que possui em alto grau o sentimento patriótico, como se tem visto sempre e como se verificou ainda ha pouco em presença das manifestações de regosijo pelas recentes victorias d'Africa — o problema da nossa reorganização naval estará meio resolvido, porque, se estudado o assumpto se reconhecer que o governo, embora administrando com criterio e honestidade, não dispõe de meios para rapidamente dar á armada nacional a força que ella deve ter, nenhum portuguez haverá que se recuse a qualquer sacrificio que lhe seja exigido.

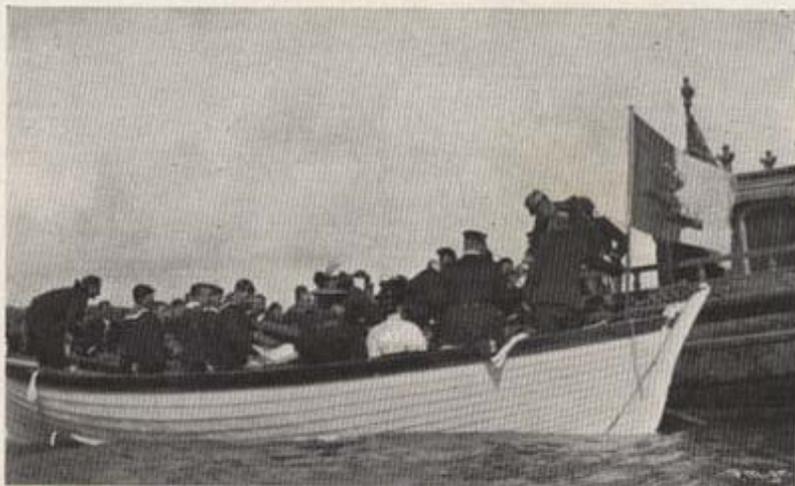
As Memorias de Bulhão Pato

Os factos historicos ficam sempre incompletamente conhecidos, se os auctores de Memorias não veem fazer o seu depoimento ante o tribunal da Historia. Principalmente para os periodos agitados e tempestuosos, a verdade historica nem sempre se topa nos archivos officiaes, cujos documentos apenas nos dão a successão dos factos, as causas confessadas e as consequencias brilhantes, apresentando-

nos a physionomia, o sentir, o feito da época, e patenteando-nos assim as grandes linhas do quadro, mas deixando na sombra as figuras de segundo plano, os incidentes adjectos, o lado intimo dos homens e o lado anecdotico dos successos. D'aqui promana o enorme interesse, que, lá fóra, se liga ás Memorias, aos livros de recordações e até ás biographias, que ora veem corroborar, ora veem modificar, ora veem contradizer as affirmativas dos manuscriptos pulverulentos dos archivos.

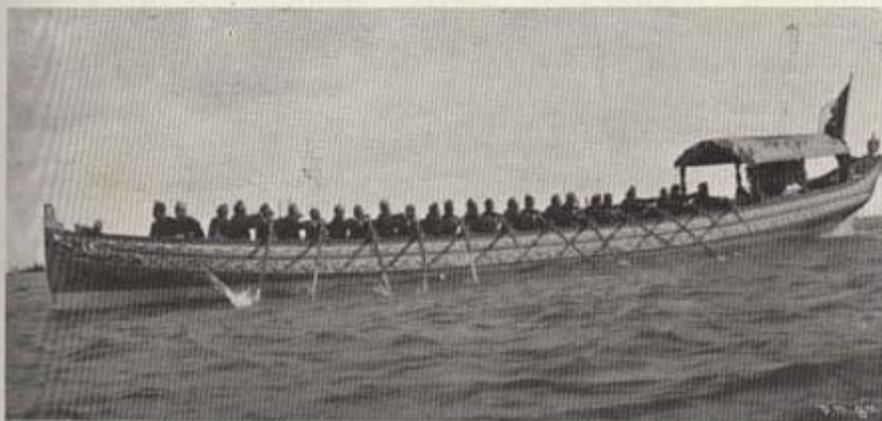
N'este momento, a nossa penna recorda-se de um facto da historia moderna, que amplamente confirma a importancia que as Memorias teem, para explicar os motivos geradores de determinados acontecimentos historicos. O principe de Hohenlohe publicou, ha poucos annos, um volume de Memorias, em que conta este facto interessante. Em 1855, já os reis da Prussia começavam a tornar-se ambiciosos e a preparar o terreno para a conquista. Com este intuito, montaram o seu serviço de espionagem nas diversas côrtes. O principe de Hohenlohe, airoso tenente de 26 annos, foi nomeado addido militar á embaixada de Vienna de Austria, onde o principe de Reuss, embaixador prussiano, se entregava mais ás piroetas da valsa pulada e aos molinetes do cotilhão do que ás fainas investigativas de *môsa* diplomatica. Ao partir, o ministro da guerra Waldersée disse ao ouvido do principe de Hohenlohe: — Na Austria sabe-se tudo, quando se sabe fazer a côrte ás mulheres... Esta Alteza, saturada da pompa melancholica das côrtes, soube ser um discipulo astuto e um agente fidelissimo. Durante mezes, volteiou nos redemoinhos da valsa dansada nos faustosos salões da faustosa Vienna, cingindo os espartilhos magneticos das beldades mais bem afforadas de fidalguia, sem jámais se esquecer, que, por detraz dos olhos perturbadores das dansarinas — as primeiras do globo! — havia, por ventura, um segredo de Estado a desvendar.

Apesar de tudo, o principe via-se em calças pardas, porque não lograva descobrir coisa alguma. Limitava-se a namorar as pallidez de marmore, os cabellos côr de palha molhada e as bonitas espaduas loiras, que desabrochavam n'uma atmospheria de perfumes como uma planta harmoniosa desabrocha no ether incendiado de sol. Teve, porém, uma inspiração, harto justificativa da confiança que os seus superiores hierarchicos depositavam n'elle. A famigera bailarina Taglioni acabava de chegar a Vienna, depois de ter sido posta ás cavalleiras da gloria em Berlim, e o joven diplomata prussiano achou-se mesmo ao pintar, attenta a sua posição e os seus



Festa naval na bahia de Cascaes

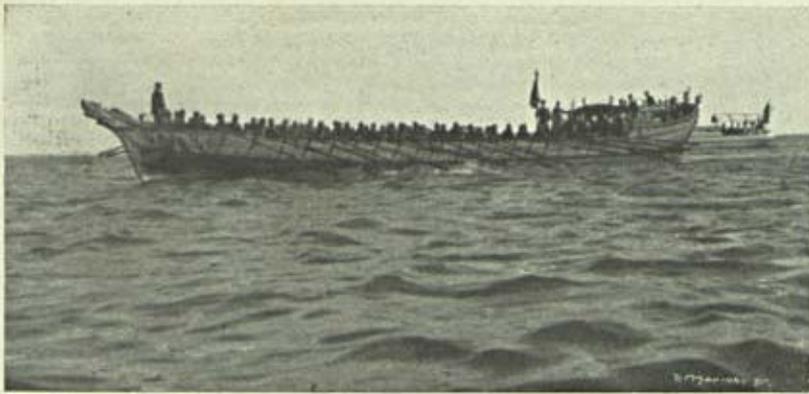
Suas Magestades e Altezas passando da sua baleeira para o bergamim real (Cliché de Luiz O'Neill — amador).



Festa naval na bahia de Cascaes

Uma das galcoas reues com a comitiva de Suas Magestades e Altezas de Luiz O'Neill — amador

pergaminhos, para lhe servir de patrono junto da alta sociedade vienezza. Agarrou, portanto, a occasião pelo unico cabello que ella tem, e, mercê da sua situação de personagem marcante, toda a flor da aristocracia militar austriaca veio, observantemente, tomar chá em casa da celeripede bailarina, cuja compleição glacial não conseguiu aquecer. Jogava-se o loto na recamara tapeçada, após a representação theatral, e os officiaes, depois de fazerem seu pé de alferes á deusa, formavam grupos e entregavam-se aos exercicios enervantes da conversação *salonnière*. O cavaco derivava sempre para os assumptos militares. Hohenlohe conta ter sabido aqui muitas coisas sem interrogar ninguém. Confessa mesmo, que, uma noite, foi informado de uma ordem secreta do governo austriaco, antes de ter sido escripta, e de a ter transmittido para Berlim antes de ter sido assignada. Foi tambem em casa da Taglioni, que elle tomou conhecimento da formula de um algodão-polvora em experiencia nos arsenaes austriacos. O rei Frederico Guilherme, reconhecendo que o perspicaz official não podia



Festa naval na bahia de Cascaes

O bergantim real conduzindo Suas Magestades e Altezas

(Cliché de Luiz O'Neill — amador).

ser aferido pelo estalão commum, deu-lhe um posto de acesso e guindou-o a seu ajudante de campo effectivo.

Foi este habil serviço de espionagem, trabalhando mechanicamente sobre sete diamantes, que permittiu que a Prussia conhecesse qual era a estrategia marcial da Austria e quaes as forças com que esta entraria em campanha, e que concorreu indirectamente para as derrotas de Gitschin e de Sadowa, em que Benedek foi cruelmente esmagado. E é graças ao livro de Hohenlohe, que os vindouros saberão estas causas occultas, que a penna de ferro dos historiadores, a penna de prata dos Plutarchos e a penna de ouro dos biographos jámais poderiam narrar, porque jámais elles encontrariam noticia d'esses factos secretissimos na papelada microbiana dos archivos.

As Memorias, que tanto podiam auxiliar os historiadores nacionaes, são quasi desconhecidas n'esta zona planetaria, em que a lrangeira cresce na horta e o matto é de murta, conforme a expressão garretteana. Os nossos politicos celebres, os nossos guerreiros famosos, os nossos litteratos cotados, jámais quizeram dar-se ao trabalho de escrever as suas recordações, de nos referir a sua vida publica e particular, talvez porque nunca desejassem mostrar-se taes quaes eram. Quantas coisas curiosas para a historia nos não poderiam ter contado o Palmella, o Saldanha, o Costa Cabral? Quantas coisas curiosas para a historia nos não poderiam ter dito o Rodrigo da Fonseca, o Sampaio, o Fontes? Quem escreve a grande ou a pequena historia do seculo XIX em Portugal e não quer fazer historia phantasista, como alguns fazem, vê-se em continuos embaraços para descobrir certas minucias dos costumes, certos factos anecdoticos, certas faces do modo de ser da sociedade portugueza d'aquelles tempos.

As Memorias de Bulhão Pato, cujo III volume acaba de sahir á luz, veem, por consequencia, prestar um auxilio poderosissimo aos que se occupam conscienciosamente dos assumptos historicos e que não querem concitar a attenção publica, inventando maranhões, vendendo gato por lebre e impingindo, como verdades incontrovertidas, o que é apenas o fructo pèco da imaginação escandecida de chronistas patranhentos, cujos diplomas de historiadores foram lavrados pelos pungibarbos do Suisso e pelos prosistas manhosos do noticiario.

Este terceiro volume das Memorias (*Quadrinhos de outras épocas*) abre com varias notas interessantissimas a respeito da batalha de Torres Vedras, em que o Saldanha desbaratou o Bomfim, que o conde das Antas destacara de Santarem para cortar a retirada á brigada que Saldanha fizera marchar contra o conde de Villa Real, acantonado em Ourem. Bomfim, embora frustrasse o seu designio, realisou a sua junção estrategica com as tropas do conde de Villa Real e recebeu reforços de Santarem, mas, sendo surpreendido pelo Saldanha, operou um movimento de retirada sobre Torres Vedras, onde a sorte das armas lhe foi funesta. Bulhão Pato pulverisa a lenda que a malquerença forjou contra o Bomfim, lenda que afirma que o general setembrista se alapardara n'um confessionario de igreja e que mandara arvorar uma bandeira negra no telhado, para indicar a existencia de um hospital de sangue. Depois de varias allusões ao Sampaio e ao vigoroso *Espectro*, relata diversos episodios da batalha do Chão da Feira, quando foi da *revolta dos marechaes*, em 37. O retrato que nos traça de el-rei D. Fernando tem o estylo largo do pincel de Velasquez; e o retrato do Costa Cabral é tão correcto e tão vivo, que só lhe falta falar. O moral e o physico do conde da Taipa — mordente como uma zaragatõa de pimenta — são gizados em poucas mas impressionantes linhas; e a quèda politica do conde de Thomar merece lhe algumas palavras rapidas, porque elle entrou n'esse afastamento do passado, n'essa transfiguração historica, que embota a severidade da critica.

Chega-se a 53 e fallece D. Maria II. A sua morte e o seu enterro são descriptos n'uma prosa de linhas audaciosas e fortes, e as aventuras de D. Fernando são referidas leveiramente, com a cautella propria de um espirito meticoloso, não escapando, comtudo, a allusão vellada a uma certa condessa D., que tinha um encanto morbido e fatal.

Cae a proposito falar do marquez de Sá, Murat da liberdade, como lhe chamou Pinheiro Chagas, um Lafayette, como lhe chamou Oliveira Martins. E Bulhão Pato historia essa vida, que se esmalto com o brilho da mais intemerata honra, os feitos epicos

d'essa espada de neve e as acções pundonorosas d'essa alma de crystal, não se olvidando de, louvabilissimamente, pregar uma admonenda em Luz Soriano por ter apoucado as estauras de Saldanha, de Mousinho e de Palmella.

Os casos das missões religiosas na ilha de S. Miguel (66-68), em que Bulhão Pato correu risco de vida por ter sahido a terreiro em defeza das idéas liberaes, merecem-lhe algumas phrases lapidares; e, transitando para assumptos dos conventos fayalenses, encerra o capitulo, citando João Pedro Soares Luna, commandante do batalhão Academico, em que José Estevão era caporal e Garrett o soldado n.º 72, assim como Herculano foi o n.º 35 da 3.ª companhia dos Voluntarios da Rainha. *Pela Beira* é o nome de um delicioso capitulo, em que se relatam factos agglutinados á vida da familia do malgrado poeta Luiz de Campos e Alberto Osorio de Vasconcellos é o titulo de outro, em que se pinta, ao natural, a figura sympathica d'este illustre escriptor, que fez as suas primeiras armas na *Gazeta de Portugal*, creada por Teixeira de Vasconcellos no seu regresso de Paris, e que foi o primeiro jornal com feição litteraria que tivemos, jornal que, mais tarde, serviu de modelo ao brilhantissimo *Diario da Manhã*, dirigido por Pinheiro Chagas,

esse faiscante espirito que juntava a rara elegancia de idéas de Emilio de Girardin ao superfino talento organisador de Delaunay de Villemessant, o director do inimitavel *Figaro*.

O retrato de Julio Cesar Machado tem o cunho da distincção, realta com o vigor de uma medalha bem cunhada; o fallecimento de uma senhora da familia Galveias provoca algumas linhas, repassadas de uma tristeza eminentemente poetica; e o episodio da fo-



Festa naval na bahia de Cascaes

Bronze de arte offerecido pela Liga Naval Portugueza para premio perpetuo do tiro dos torpedos Whitehead. Foi ganho pelo torpedeiro n.º 3

(Cliché da Photographia Allemã — Lisboa).

gosa contenda travada entre dois grupos de partidistas lyricos na arena de S. Carlos é descripta pela mão de mestre, que, logo após, recorta o perfil de varios typos aristocraticos, tratados com uma finura que se alliga a uma admiravel nitidez de relêvo. Ao percorremos o capitulo concernente á Taberna Inglesa, muito nossa conhecida, cresce nos a agua na bocca, tal é o poder suggestivo da

Exequias por alma de El-Rei D. Luiz I



A' porta da Sé

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia
e os srs. D. Nuno de Sousa Coutinho (Linhares) e conde das Alcaçovas

descripção d'esses agapes, em que o cantor da Paqueta espalhava o sal do seu espirito atheniense e o pianista Mazoni esgotava a sua alchimia culinaria para manipular os pitêus. Eis-nos, agora, á porta da casa de Herculano, na Ajuda. Antes de penetrarmos na tépida moradia do grande historiador, Bulhão Pato convida-nos a admirar o bello panorama, visto do alto da montanha. Que magnifico painel se não observa através d'aquella esplendidissima prosa, em que ardem os lumes das pedrarias e as joias lucilam como pyrilampas na escuridão nocturna! . . .

Os quadrinhos da Lisboa de ha sessenta annos, ensopados em côr local, revestem uma realidade flagrante. O largo das Duas Eggejas, o chafariz do Loreto, a Patriarchal, o bando dos toiros, o Xa-

Podestá era a habitação preferida pelos cantores de S. Carlos e o prazo dado de muitos olyssiponenses de póipa. O auctor das *Memorias* apresenta-nos os convivas dos jantares de litteratos e artistas, que alli se realisavam, e a que presidia a musa de Bulhão Pato, essa musa que tem a formosura de uma rainha e a commovida elegancia de uma flor. Simão Gattai, outro frequentador do hotel, é desenhado de escorço, sem que perca uma só linha da sua originalidade britannica; o perfil de D. Thomaz de Mello é cinzelado com o amor com que um soneteiro parnaseano burila um soneto; e os lances da vida d'este inconfundivel bohemio rebrilham com os primeiros de uma estylistica, mediante a qual se prova que as phrases podem ter a eloquencia das linhas geometricas.

A *Alveloa e o falcão*, *A andorinha e os filhos* e *Uma tarde no Monte* são aguarellas de uma extraordinaria vibração de luz e que devem ser admiradas paulatinamente, como quem saboreia um *cream puff* americano n'uma pastelaria parisiense. As *Recordações de 1848* ministram-nos a nota exacta da Lisboa de ha doze lustros. Aqui passam, como em animatographo, as conspiratas do Antas ao Carmo, os bailes dos clubs, as recitas dos Palhas no Dáfundo, o Garrett, as noites da Volpini em S. Carlos, os jantares do Penalva e do Porto Covo, as recitas do conde de Carvalhal, a graciosa condessa da Lapa, os saraus do conde da Lapa, o Sá Bregeiro, as pugnas parlamentares — em que os tribunos ora recordavam o Portico, ora o Forum — e as esquadras inglezas com as suas barulheiras de marujos em terra, de uma das quaes esteve a pique de ser victima, mas se livrou depois com intrepidez varonil, o pae do auctor do presente artigo. No capitulo immediato a este, trata-se de João Barreira, abalisado professor e critico de arte, cujo caracter é dignamente exalçado em palavras que brotam do coração. Os dois capitulos sobre a Peninsula Itálica — o solo do genio, evocam-nos essa risonha Italia, mollemente deitada á ouréla do Adriatico, ataviada com as suas maravilhosas recordações, mirando-se indolentemente no seu passado como uma dama velha e gasta, sem energia para recommear uma nova historia e redourar o seu braço.



Exequias por alma de El-Rei D. Luiz I. — A' porta da Sé

Suas Magestades El-Rei e a Rainha Senhora D. Amelia

Descortina-se Florença com o conspecto dos seus palacios, e Napoles, que tumultúa sob um céu de porcelana azul, guardada á vista pelo Vesuvio minaz. Como que vemos rolar as toalhas de phosphoro do mar Tyrrheno; como que aspiramos a aura perfumada pelos laranjaes de Sorrento e pelos jardins de Portici e de Torre del Greco, cujos nomes retumbam como dactylos gregos; como que ouvimos os echos das ondas que beijam as areias de l'ausilippo, onde dorme o poeta das Georgicas, das Eclogas e da Eneida, o guia do immortal florentino n'uma parte da sua viagem imaginaria. . . .

Este III volume das *Memorias* termina com os tres capitulos seguintes: um referente aos bandoleiros infestantes do Alemtejo, no tempo em que os pihos, armados de clavinas, ainda não empregavam os modernos processos da extracção sem dôr, usados pelos dentistas; outro sobre a festança do 1.º de dezembro, em que ha subentendidos amargos como a quassia; e outro que é um mimo de delicadeza, de uma idealidade tão pura, de uma suavidade tão immaterial, de uma brancura tão lactea como o sonho de um lyrio.

Depois de discretarmos ácerca do livro, toca-nos pallear ácerca do escriptor. Bulhão Pato nasceu em Bilbao, n'essa pittoresca Biscaya, cujas bellezas alpestres ainda ha pouco admirámos, em caminho para França. Os seus annos de infante não foram positivamente uma delicia panglossiana, porque viu renovar-se a sua dentição no meio do crepitar da fuzilaria e da bombancia da artilheria, quando a lucta entre realistas e liberaes transmutava a Hespanha de zarzuela em Hespanha de drama, que só encontrou epilogo na convenção de Vergara. Aos seus ouvidos infantis, muitas vezes chegaria alguma d'essas quadras com que os carlistas chanceavam os christinos:

Para curar las tercianas
Nada mejor que la quinina,
Y para revolver la España
Como la reina Cristina.



Exequias por alma de El-Rei D. Luiz I. — A' porta da Sé

Damas da Rainha senhora D. Maria Pia:
srs.ªª D. Anna de Sousa Coutinho (Linhares), Condessa das Alcaçovas
(D. Thomazia) e Marquiza de Unhão

(Clichés de A. C. Lima).

vier dos cartazes, o passeio da Estrella, os Granadeiros da Rainha, o castigo infligido aos soldados bravateadores d'este corpo, as picarescas rondas dos cabos de policia e uma façanha do façanhoso Figueiredo do 14, tudo isto passa ante nossos olhos com a justeza e com a velocidade com que um dactylographo maneja um type-writer. Antes de alcançarmos D. Thomaz de Mello, temos o hotel Universal — um mundo dentro de uma hospedaria. O hotel do Baptista

Ao que os christinos reguingariam com versos, que pareciam animados por aquelle espirito letificante do *grenachu* de Aragão ou do moscatel de San Lucar:

*De los bigotes de Carlos
Hemos de hacer un pincel,
Para retratar Cristina
Y la segunda Isabel.*

O que foi a criação de Bulhão Pato, dil-o o seu biographo Rebello da Silva, em artigo com fecho de 59: — "Póde dizer-se que foi embalado ao som dos canhões e que a canção guerreira dos carlistas ou dos christinos foi o primeiro canto, que o adormeceu no reago materno... Creado entre armas e combates, aprendeu a en-



Raymundo de Bulhão Pato

carar o perigo sem receio, e, familiar com elle, a desafiá-lo mais de uma vez sem motivo, exaltado pelo amor do sangue peninsular que lhe pula nas veias, e pela memória da educação fragueira dos primeiros annos. O daguerreotypo ficou na perfeição; assim mesmo é que é. Bulhão Pato jámais conheceu a côr do medo, nunca por nunca quebrou a sua linha perpendicular, e respondeu sempre, com heroico peito, ao ataque, fôsse de quem fôsse.

Outro seu biographo, Camillo Castello Branco, photographou-o de sorte que a photographia é elle mesmo, sem tirar nem pôr: — "Quando o assanham tem tres farpas na lingua. Nunca foi injusto. Conhece desde menino uma sociedade onde o espirito se fórma de aromas de flores, que não querem luz muito intensa nem que as aspirem olfactos muito soffregos. Foi ahí que elle fez a fidalguia do seu gesto e as effectivas sympathias da sua alma, sempre infantil. Na praça, na sala, no café, é sempre uma distincção. Quem o viu na mocidade, reconhece-o, sem o ver, se lhe escuta a vehemencia da palavra sempre cortezã. Tanto lhe faz tratar de pomposas camelias brancas como de humildes violetas roxas. Sempre a phrase que deixa um rasto de luz para o affecto e para a admiração. Amaram no todos os homens grandes d'esta terra; e elle, *Sob os ciprestes*, levantou-lhes um monumento em um livro sobre o pedestal da sua alma cheia de lagrimas.

Bulhão Pato é hoje o nosso primeiro prosador. A sua prosa mascula, vernacula, em serrado portuguez, reproduz, como nenhuma outra, a verdade objectiva, a verdade oral, a verdade ocular. Esta prosa, como a de Chateaubriand, reúne todos os attributos de solidez e de força, proprios da substancial linguagem dos classicos. Bulhão Pato possui a imaginação physica, uma extrema impressionabilidade de retina, um inegalavel sentimento plastico da forma, e um côrte e movimento de estylo sem paralelo na nossa litteratura. Os seus periodos teem a persuasiva eloquencia dos periodos ciceronicos e o equilibrio de uma balança de Roberval, os seus conceitos teem a clareza da agua filtrada e a regularidade ponderada de uma demonstração algebraica. Como Mucio Scevola, elle queimaria mais facilmente a sua mão do que escreveria uma phrase imperfeita.

Bulhão Pato tratou, mano a mano, com os mais notaveis homens de Portugal, do segundo e terceiro quartéis do seculo preterito. Herculano e Garrett, Castilho e Saldanha, José Estevão e Sampaio, Oliveira Marreca e Mendes Leal, Rebello da Silva e Andrade Corvo, Antonio da Cunha e marquez de Niza, todos se honraram em tê-lo por amigo. Mas a sua hombridade, a sua altivez de cara-

cter e o seu espirito de independência, nunca o levaram a estear-se n'essas relações sociaes e a escorar-se na empenhoca para alcançar benesses ou prebendas, como frequentemente succede na nossa época de decadencia, não de bronze como a romana, mas de papel pardo. Por taes e quejandos motivos se effectivou a prophecia, que Herculano, com a presciencia do genio, formulara no prologo da *Paqueta*: — "Os governichos, a que faz a honra de chamar governos, os agiota-barões, os commissarios, os chefes, os sub-chefes, esse mundo official e semi-official, essa coisa informe, viscosa, fetida, que ferve, zumbe, coaxa, volteia por cima e á roda de nós, manche n'ella, se quizer, o bico da bota ao perpassar. Não me opponho a isso. Mas olhe que se bane a si proprio; que exorbita da sociedade; que enceta a via dolorosa dos desgostos de toda a vida. Fazer abespinhar os que foram, são ou serão poder, não sai de graça. O vaticinio cumpriu-se, posto que se diga haver uma justiça immanente e poderosa, que rege os mundos...

Retirado na Outra Banda, á similhança de Horacio no Tibur, e solitario do Monte de Caparica ainda empunha a penna como nos annos floridos da mocidade, e, quando vem o lance, ainda tem pulso para fazer estrebuxar o adversario entre as tenazes candentes das suas satyras.

Perante o olympico talento e o diamantino character de Bulhão Pato, descobrimo-nos respeitosamente.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

DESPERTO...

(A LUIZ DA CAMARA REYS)

Que doce realidade,
O teu viver, sonhador!
Falas de gloria, de Amor,
Crês na mulher, na Bondade!

Do espinho cru da saudade
Nem mesmo sentes a dor,
Se livre, como o condor,
Ergues teu vôo á vontade!

Mas surja um dia o momento
Em que te chegue a alcançar
A setta do soffrimento,

Que chaga enorme a sangrar!
E que assombroso lamento
Has de, accordando, soltar!...

Alfonso Vargas.



Guilherme de Lima

† a 20 de setembro de 1907

Guilherme de Lima, o Lima de S. Carlos, como pôr muitas pessoas era conhecido por ter sido socio de Campos Valdez na empresa do nosso theatro lyrico, falleceu com 82 annos.

Foi no seu tempo que vieram a S. Carlos celebridades como a Marchisios, a Borghi Mano, a Rey Balla, a Volpini, a Lotti, a Fricci, a Harris, o maestro Goula, os cantores Mongini, Stagno, Pancelli, Nicolini, Squarcia, Cotogni, Pandolfini, Merly, Junca e outros mais tambem de fama universal.

Guilherme de Lima era um distincto tocador de flauta e um cavaqueador muito apreciado.

A sua morte foi muito sentida pelos frequentadores do Gremio Litterario e pelos do Real Club dos Caçadores, duas agremiações onde contava muitas sympathias e onde era visto assiduamente.

A festa dos bebés

As creanças de todo o reino tiveram no penúltimo domingo o seu dia de santo. Como os operarios tambem já tem o seu dia 1 de maio, fica sendo para ellas dia de jubilo colectivo aquelle em que se reunirem todos os annos para celebrarem a sua festa.

Tem d'estas vantagens a democracia dominante. D'antes só os anniversarios dos santos eram festejados, mas para isso a condição essencial era virem registados na folhinha ou terem um lugar de



Festa escolar em Lisboa. — Na Sala do Risco do Arsenal da Marinha
Sua Alteza o Príncipe Real presidiendo á cerimonia

honra no *Flos Sanctorum*. Hoje os jubileus dos grandes homens, as datas famosas dos acontecimentos nacionaes, a festa por excellencia dos operarios, tem os seus dias marcados e assignalados n'esta folhinha cívica, onde só tem vez e logar a gratidão pelo passado ou as aspirações do futuro.

E eu não conheço, de facto, festa de classe que mais emoções disperse e maior numero de sentimentos faça vibrar. E' que as creanças reunidas, falando, cantando, chilreando, ensurdecendo os ouvidos dos adultos e dos graves, tiram todo o caracter de solemnidade e de sem-saboria que costumam presidir ás nossas reuniões de homens. E' que ellas são a alegria communicativa, o ruido, a graça. Com os seus risos crystalinos illuminam-nos o espirito e dulcificam-nos a alma. Dão nos de subito a illusão de que a nossa mocidade volta, que n'ellas se continuam as nossas alegrias infantis, e que todo um mundo de despreocupações e desenfados se abre hoje para nós como se abriu na juventude, como se abre para todas ellas.

E é então, depois de compartilharmos esses sorrisos e do coração nos associarmos a esses jubilos, que nos recolhemos outra vez em nós mesmos para meditarmos um pouco sobre uma infinidade de coisas correlativas. E passa deante de nós o professor, verdadeiro benemerito da civilização, que na maior parte vive ignorado e obscuro n'um recanto da provincia. Lembramo-nos que nada é a instrucção superior



Festa escolar em Lisboa

Atravessando o recinto interior do Arsenal da Marinha

Clichés de A. C. Lima.

sem se basear solidamente na instrucção primaria, e com magua reconhecemos que o grande obreiro d'esta civilização é o professor humilde e modesto, com quem o Estado nunca foi prodigo, antes é por vezes extremamente avaro. Lembramo-nos que esse devotado trabalhador applica quasi todas as horas da sua vida de dedicação a arrotear campos não raros estereis ou a cultivar com esmero e amor de pae cerebros infantis em que as ideias começam a germinar e a dar fructos opimos, as sementes bem lançadas.

E as mães! Que impressionante jubilo se traduzia nos rostos de todas ellas vendo que os seus filhos haviam de corresponder em breve aos desejos de todas ellas e ás abnegações e sacrificios d'aquellas que roubam á propria existencia para que nada falte a essas tenras vergonteas, objectivo unico dos seus pensamentos, filhos desvelados do seu amor!

Por isso a festa de domingo, tanto a que se celebrou em Lisboa como aquellas que se realizaram em todo o paiz, foi, sobretudo, uma festa impressionativa e emocionante. E' que ella não comporta o que nas outras é artificioso e convencional. Fundem se n'ella os sentimentos mais intimos do coração, os laços mais estreitos da familia. Professores, mães, creanças, todas se congregam e identificam nos mesmos affectos do coração e nas mesmas aspirações do pensamento. E até o elemento official que n'ella intervem, e que costuma ser frio, pautado, indifferente, n'esta reunião especial é affectuoso e communicativo. E' que só as creanças tem o condão de attrahir todos á sua grey e a todos communicar a mesma expansibilidade infantil. Foi por isso que na festa-mater, a da Sala do Risco, o Príncipe Real e o ministro do reino, que representavam as altas constituições do Estado, pareciam



Festa escolar em Lisboa

As creanças dirigindo-se para a Sala do Risco

libertos d'aquella gravidade solemne que as grandes occasiões requerem e que anda adstricta ás altas categorias sociaes.

O principe sorria e reconhecia-se que esse sorriso era sincero porque trazia á superficie todas as nobres vibrações de uma alma juvenil. E o ministro, o dictador, que os politicos combatem ferozmente e as opposições fulminam com as mais atroadoras invectivas, o ministro imperioso e terrivel, dava largas á sua fera indole pombalina, distribuindo... cartuxos de bolos ás creanças.

Ah! se os homens tivessem nos seus actos a decima parte de tudo quanto ha de bom, de verdadeiro e de sincero, na gargalhada de uma creança, como seria paradisiaco e feliz este mundo de falsidades, de mentiras e de miserias!

Proverbios italianos

O peor porco apanha a melhor pera.

≡

Amór, tosse e fumo, difficilmente se escondem.

≡

Bonitas palavras não engordam gatos.

≡

Muito diremos, muito faremos, mas mal vae o barco sem remos.

PENSAMENTO

A cabeça de muitas pessoas parece-se com as casas; o andar mais alto é o peor mobilado.

Bacon.

Politica internacional

Anciedade, que no imperio austro-hungaro tem produzido a doença do velho imperador Francisco José, comprehende-se perfeitamente em presença das graves e complicadas questões — umas latentes, outras na téla da discussão — que dificultam a vida interna da monarchia bi-partida. A propria Europa, ou pelo menos uma parte d'ella, não pôde deixar de pensar sem inquietação no que succederá amanhã na Austria-Hungria quando o actual imperador tiver desaparecido.

Em primeiro lugar é motivo de justificada preocupação a repercussão, que terá nas relações entre a Austria e a Hungria o advento ao throno do actual herdeiro presumptivo depois da morte



Festa escolar em Lisboa

Os srs. conselheiros João Franco, Vasconcellos Porto, o sr. Luiz Waddington e um grupo de crianças premiadas

do archiduque Rudolpho. Tanto este era estimado pelos húngaros quanto por elles é detestado o archiduque Francisco Fernando, o successor de Francisco José graças á catastrophe de Meyerling. O archiduque Fernando não só por mais de uma vez tem mostrado sem reboço os seus sentimentos anti-magyares, como ainda é um declarado ultramontano, o que basta para o indispor, se outras razões não houvesse, com o partido actualmente no poder em Budapest, cujo chefe o Dr. Weckerlé tem o seu nome ligado á celebre campanha a favor do casamento civil. Ora se com Francisco José, que os húngaros estimam e respeitam como um amigo da nacionalidade magyar, as relações entre os dois estados tem por vezes sido tão tensas a ponto de se recer violento rompimento entre elles, o que acontecerá amanhã quando o actual herdeiro da corôa tiver que se defrontar com os patriotas húngaros desconfiados e tão ciosos das regalias da sua nação?... E' este o primeiro perigo e o mais grave, que terá a morte de Francisco José. Mas não será o unico, como vamos ver.

Se as relações entre os dois estados, que constituem a monarchia dualista, são motivo de constantes preocupações tanto em Vienna como em Budapest, as relações entre as diversas nacionalidades dentro de cada um dos dois estados — o húngaro e o austriaco — não são menos melindrosas e não causam menores receios com respeito á estabilidade do imperio. Na Austria ha a questão tchéque até hoje irreductivel, e que, em vez de se apasguar com as concessões até agora feitas, parece cada vez assumir um caracter mais grave. Na Hungria ha a questão croata, que, latente durante muitos annos, promete pela subita violencia de que se está revestindo, ser o verdadeiro pomo de discordia no reino de Santo Estevam. Mas muito embora estas duas sejam as questões capitães que se debatem em cada uma das metades da monarchia, que um destino commum parece ter acorrentado a identicas difficuldades, ha outras ainda de importancia bastante grande para n'um momento dado se poderem converter em perigosos elementos de perturbação. São ellas na Austria a questão allemã — o pangermanismo, como é mais geralmente conhecido este movimento, e na Hungria a questão rumenica.

O que acontecerá amanhã, quando tiver desaparecido Francisco José, e quando portanto faltar o prestigio pessoal do monarcha, que tanto tem contribuido para amaciar os attrictos entre as diversas nacionalidades?

O que torna mais grave a situação no imperio austro-hungaro é que as questões, que alli se debatem, embora possam ser com-

placadas pelo advento de um monarcha de menos sympathias pessoaes do que Francisco José, são no entretanto superiores á habilidade de qualquer estadista, porque tiram um caracter de fatalidade da propria constituição do imperio. O problema das nacionalidades é irreductivel dentro da forma centralizadora da monarchia dualista. Cada raça, animada pelo exemplo da parte d'ella que gosa além das fronteiras do imperio de uma relativa liberdade e de completa autonomia, agita-se graças ao estímulo que lhe vem de fóra e reclama tambem garantias para a livre expansão da sua vida historica. Assim, os tchéques e os polacos tem os olhos fitos na Russia, senão livre pelo menos independente; os allemães são irresistivelmente attrahidos pela grandeza e pela prosperidade do Deutsches-Reich; os rumenos encontram um ponto de apoio para as suas reivindicações no reino visinho da Romania, em cuja unidade politica desejam integrar-se; finalmente os croatas olham com impaciencia para os slavos do sul que falam a mesma lingua na Servia, no Montenegro e na Dalmacia, e aguardam o momento opportuno de com elles poderem constituir a Grande Croacia. N'estes termos como é possível persistir a actual fórma de equilibrio politico do imperio? Cada uma das nações limitrophes, mesmo conservando-se na mais estricte e leal neutralidade, tornou-se pela sua simples presença n'um elemento de perturbação constante e n'um fermento de desaggregação, a que é impossível resistir-se.

O unico remedio seria entrar-se francamente no regimen federativo, que transformasse a actual monarchia dualista n'um agrupamento de estados autonomos, cada um d'elles n'uma situação identica á que mantem actualmente a Hungria com relação ao imperio. A coterie centralista de Vienna, que tem uma influencia decisiva no animo do imperador, e que mais ainda a terá no espirito do archiduque Francisco Fernando, não quer ouvir falar em tal, e oppõe a todas as propostas n'este sentido um irrevogavel *non possumus*.

E' por isso que com justificado motivo a doença do imperador tão grande anciedade está despertando.

Terminou no meio da indiferença quasi geral a segunda conferencia da Haya, de que tanto se esperava e que afinal tão grande desillusão trouxe a todos os amigos da paz. São os proprios panygiristas d'ella que assim o confessam n'uma hora de sinceridade. E até o presidente da conferencia, o sr. de Nelidov, assim o proclamou quando no discurso de encerramento affirmou que a conferencia, com effeito, não tomára nenhuma das resoluções que os povos com tanta impaciencia reclamavam. Não se pôde ser mais tristemente explicito nem ninguem com mais autoridade podia escrever melhor o epitaphio da conferencia recém-dissolvida.

De resto este resultado estava previsto desde o momento em que se soube, que a Alemanha se oppunha resolutamente á proposta da limitação dos armamentos apresentada pela Inglaterra e patrocinada pelos Estados-Unidos. Nem sequer a proposta da arbitragem obrigatoria a conferencia quiz tomar em consideração. E no entretanto, se os diplomatas reunidos na Haya desejassem sinceramente trabalhar pela paz, nenhuma proposta melhor do que esta os conduziria ao fim desejado. Ainda se comprehende, que a limitação dos armamentos possa encontrar de principio resistencia por se suppôr, embora erradamente, que ella pôde enfraquecer a defeza de certas potencias que só da força fiam o respeito aos seus direi-



Festa escolar em Lisboa

Grupo de bebés esperando o almoço

(Cliché de A. C. Lima).

tos. Mas com a arbitragem obrigatoria não havia esse inconveniente, chegando-se pelo contrario mais depressa á cessação das guerras, que para o futuro seriam substituidas pelas sentenças arbitraes. Pois a conferencia da paz (?) não se dignou tomar essa proposta em consideração e entreteve-se em discussões byzantinas ou meramente de cathedra, que levaram perto de tres mezes a decidir-se, sob o pretexto que, já que não se podia acabar com as guerras, convinha ao menos tornal-as mais humanas (!). Parece uma ironia, mas foi esta a grave resolução dos plenipotenciarios reunidos *au grand complet* na capital hollandeza.

Viagem do Principe Real

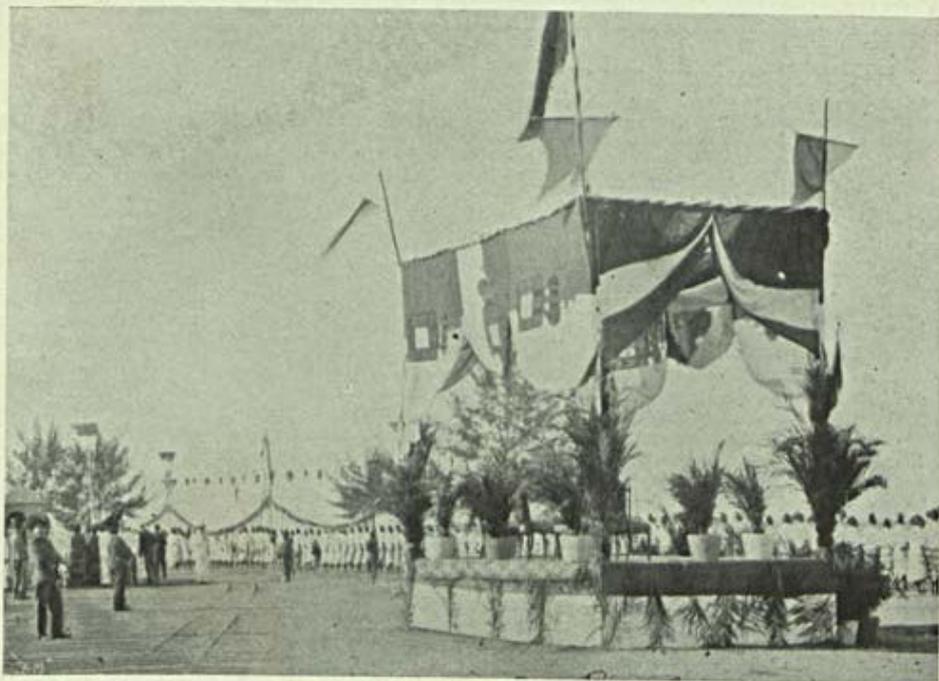


EM QUELIMANE — Desembarque de Sua Alteza

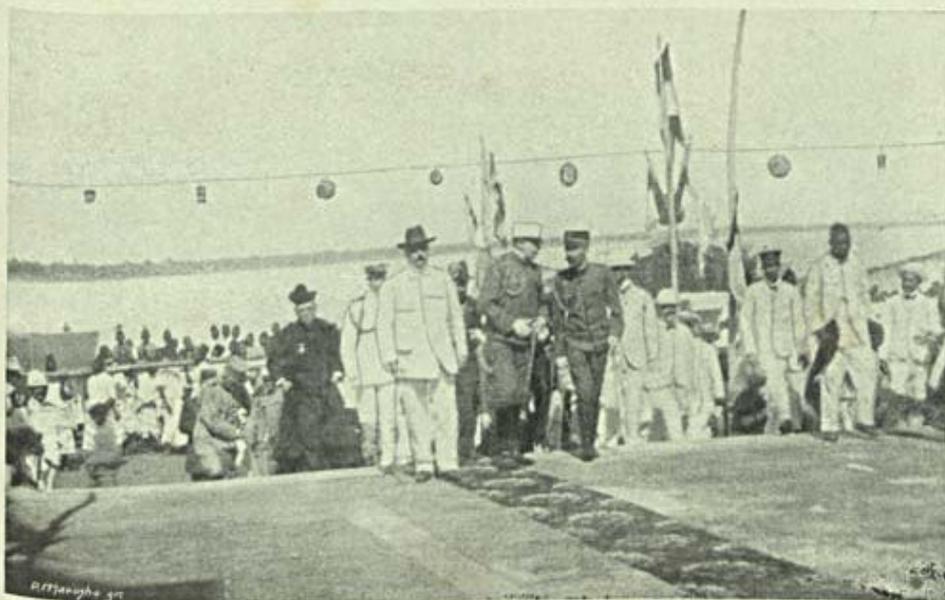
O fiasco da segunda conferencia da Haya deve levar á convicção dos verdadeiros amigos da paz, que nada tem a esperar dos governos das chamadas grandes potencias para o triumpho dos seus ideias. Pela *soit disant* humanisação da guerra, em vez de se caminhar para a cessação d'este grande flagelo da humanidade, contribue-se pelo contrario para o eternisar. E então, não querendo os governos concordar na limitação dos armamentos nem na arbitragem obrigatoria, talvez mais depressa se chegasse a acabar com a guerra fazendo-a bem cruel, e por consequencia bem temida dos proprios que tivessem de assumir a responsabilidade da declaração. Não ha duvida que, quando a guerra pelos destroços materiaes e moraes que produzir, importe ao mesmo tempo a ruina do vencedor e do vencido, todos d'ella se arreciarão, e por esta forma se conseguirá aquillo que até hoje e pelos processos da propaganda tem sido impossivel, como o recente fiasco da conferencia da Haya acaba de demonstrar-lo.

De modo que, na opinião de muitos, a tentativa de tornar mais humana a guerra é, não só inutil, mas contraproducente.

Um processo diferente para acabar com a guerra, dada a inefficacia das tentativas



Viagem do Principe Real. — EM QUELIMANE — Pavilhão onde Sua Alteza foi recebido



Viagem do Principe Real. — EM QUELIMANE — Sua Alteza passeando na Avenida Castilho

generosas até agora feitas pelas sociedades da paz, é o que começa a esboçar-se na propaganda hervéista, e que antes já fizera como primeiro corypheo o proprio Tolstoi. Podem os politicos governamentais de todos os paizes oppôr a essa propaganda as razões mais concludentes que o patriotismo lhes suggira. O certo é que a propaganda hervéista vae ganhando lentamente terreno, e que para a combater já são precisos nada menos do que os discursos de um Clemenceau ou os processos sensacionaes contra o Dr. Liebknecht. Ha alguns annos apenas, a doutrina de Hervé seria tratada com o deprezo, que merecem as proclamações dos irresponsaveis, e nenhum homem publico de nome *desceria* a combater semelhante "doctrinação".

Os tempos, porém, estão mudados, e já se julga necessario destacar contra o hervéismo as melhores *espadas* de todos os partidos da ordem. E porque? Porque a revolucionaria doutrina do propagandista francez faz incontestaveis progressos, graças sobretudo á cegueira dos governos, que persistem, como agora aconteceu em Haya, em não querer attender á reclamação unanime de todos os povos, que já não podem

supportar o pezo da paz armada, que a todos nos esmaga.

Estará o hervéismo destinado a resolver um problema, que até ao presente tem desafiado todas as dedicações generosas dos amigos da humanidade? Quem sabe!

CONSIGLIERI PEDROSO.

Um colleccionador estrangeiro interrogando um pobre diabo:

— Quaes são as moedas mais raras n'este paiz?

— Todas, senhor! Ha tres meses que não vejo uma.

N'um exame. O professor:

— Qual é o fim da grammatica?

O examinando, depois de pensar um pouco:

— E' o indice!

Um credor bate á porta:

— O senhor não recebe hoje, diz o creado.

— Não quero que elle receba; quero que elle pague.



Viagem do Príncipe Real. — EM QUELIMANE — Mesa do almoço offerecido a Sua Alteza

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXV

Cá e lá mais «apaches» ha. A ladroagem em Paris e em Lisboa. Uma comparação de que se tira triste conclusão. A lenda do gatuño hespanhol. — A época theatral. Má expectativa. Os animatographos ameaçam de morte os theatros. Os artistas dramáticos reunem e deliberam... fazer um jazigo. O caso de um velho que tinha dinheiro para o enterro. Approximações. — Alfredo Keil.

Um caso curioso que verifico diariamente, ha tempo a esta parte, nos jornaes de Lisboa: que raros d'elles deixam de se referir, a miudo e pormenorissadamente, aos apaches que infestam Paris, roubando e assassinando com um desplante e semceritam

Baile na cidadella de Cascaes



Organizado por SS. MM. para solemnizar o feliz regresso de Sua Alteza
Aspecto da sala de baile

monia de pôr os cabellos em pé, em plena rua, sob o sol que a todos cobre, malandretes, victimas e policias, consumindo muitas columnas no relato de crimes pavorosos e clamando por providencias que poderão ser muito uteis aos parisienses e mormente aos viajantes que lá vão parar, mas que para nós outros, portuguezes, teem um interesse exclusivamente... humanitario.

Ora succede que emquanto os nossos camaradas se entretêm com as rocambolescas aventuras dos apaches, que em numero de trinta mil fazem toda a casta de tropelias na capital da França, aqui, em Lisboa, cavalheiros que não diremos do mesmo jaez porque são mais humanos, poupando em geral a vida do seu semelhante mas não tendo respeito algum pela propriedade alheia, commettem os roubos mais descarados e audaciosos em pleno dia, nas ruas mais centraes e concorridas, surripiando aqui uma carteira, acolá um relógio (serviços de via publica); arrombando portas e gavetas e inventariando em seu favor joias, roupas e dinheiros que encontrem (serviço especial aos domicilios).

Estes casos dão-se diariamente ás dezenas e só passam despercebidos a quem não tenha sido roubado, aos que não lançam os olhos para o noticiario local dos jornaes — e á policia.

Se estabelecermos comparação entre Lisboa e Paris, isto é, entre as áreas respectivas e os numeros de roubos praticados, chegamos a esta linda conclusão: que em Lisboa a industria do venha a nós é exercida em maior escala e em condições extremamente favoraveis. Em alguma coisa haviamos de dar lições a essa França que constantemente macaqueamos, que demonio!

Até agora, os pobres hespanhoes carregavam com todas as culpas de ladroagem praticadas em Lisboa. Ninguém acreditadamente se lhe introduzira na algibeira para lhe surripiar a carteira ou a bolsa. Dava um sujeito por falta de qualquer d'estes objectos e desatava a correr para a esquadra mais proxima.

— Oh sr. chefe, um hespanhol roubou-me a carteira.

— Conhece-o?

— Eu, não! Nem o vi...

— Mas então como sabe que foi um hespanhol?

— Ora essa! Então quem havia de ser?!

— Talvez algum portuguez...

— Isso, sim! Um portuguez não praticava uma acção d'estas!

A policia concordava e punha-se em campo á procura do hespanhol, que nunca encontrava...

Pudera! Se os hespanhoes já estavam todos presos sob identicas accusações!...

São já sobejamente conhecidos os programmas das diversas emprezas theatraes na época que começou ha pouco. Em D. Amelia teremos recitas da Réjane muito brevemente, em D. Maria os costumados originaes, nos outros o ramerrão da revista e mais uma ou outra recita para dar tres casas ás moscas e impingir para beneficios. Prepara-se, se os meus calculos não falham, uma terrivel temporada theatral. Faltam em absoluto as novidades que arastam o publico e a concorrência para outros generos de espectaculos, como os de circo e animatographicos que absorvem quasi totalmente o publico que se diverte.

Com uma população fluctuante insignificante, Lisboa não pode



Baile na cidadella de Cascaes organizado por SS. MM. para solemnizar o feliz regresso de Sua Alteza
Outro aspecto da sala de baile

(Clichés de A. C. Lima).

EM CINTRA — Uma recita de caridade



1. D. Amelia Burnay Morales de los Rios na «Mañana de sol». — 2. D. Gabriella Anjos e D. Maria de Lencastre e Tavora como entraram nos coros hespanhoes. — 3. D. Assumpção Morales de los Rios como entrou na recita. — 4. A' porta do theatro n'um dos ensaios: Marquessa de Valle Flor, Condessa de Figueiró e D. Amelia Ulrich Cardoso. — 5. Indo assistir a um dos ensaios: Condessa de Figueiró, D. Maria Isabel O'Neill e D. Maria Anna Andrade de Castro Guimarães.

(Clichés de Eduardo Maya Cardoso — amador).

sustentar as suas muitas casas de espectaculo. Está provado que os animatographos afastam dos theatros quatro a cinco mil pessoas por noite. E' importantissimo. E, a não apparecer qualquer providencia no sentido de pôr cobro á mania animatographic, não se calcula a que extremos chegarão as emprezas theatraes.

Mas para que alguma coisa se fizesse no intuito de proteger a arte, os artistas, as emprezas, mister seria que os proprios interessados levantassem a lebre, isto é, que artistas, emprezarios e todos os que vivem do theatro tomassem a iniciativa de um movimento em favor da sua causa. Mas tal não succede. Estão todos caladinhos como ratos, esperando que chovam espectadores do céu, perdendo dinheiro e coçando as pensadoras cabeças.

Ha dias appareceu nos jornaes uma convocação de artistas dramaticos para tal dia, a tal hora, e em tal local. Ora graças, decidiram-se! — pensei eu. Effectivamente os artistas reuniram em numero consideravel nas salas da Associação dos Logistas. O promotor da reunião pediu a palavra. E que disse elle? Que chamara alli os seus camaradas para lhes propôr a realisação de qualquer coisa que se impunha á consideração de todos, visto que implicava o interesse geral — qualquer coisa inadiavel, impreterivel... A fundação de uma Liga de defeza? Não; — a construcção de um jazigo para as actrizes e actores portuguezes.

Parece blague, pois não? No emtanto, nada mais certo. Mas ha mais e melhor. Quando, conhecido o motivo da convocação, um dos artistas alvitrou que seria talvez de conveniencia superior tratar se de assumpto que mais directamente interessasse os convocados em vida, não faltou quem, porventura estomagado com o atrevimento, respondesse... que isso ficava para depois...

Este caso singular traz-me á memoria um outro, de um pobre velhote que vivia miseravelmente ahi para os lados de Santa Martha, soccorrido por amigos e pessoas a quem commovia a sua triste situação. Chegou um dia em que o pobre homem se viu em apuros seriissimos. Não tinha pão nem o necessario para pagar a renda do

Uma recita elegante em Espinho



Em pé. Da esquerda para a direita: Antonio Paes de Sande e Castro — D. Pedro de Mello e Faro — D. Leonor Capello — Dr. Alberto Pimentel — Nicolau Mendonça Amaral — D. Maria de Menezes Peixoto Taveira e Pedro de Freitas Branco.

Sentados. Da esquerda para a direita: Dr. José Paulo de Mendonça Amaral — João de Almeida Brito — D. Leopoldina Caldeira Carvalhaes — Conde da Figueira (D. Luiz) — Mendonça Amaral — Dr. Manuel Paes de Sande e Castro — D. Carolina Pereira Dias de Mello e Faro.

(Cliché Evaristo — Espinho).

EM CINTRA — "Tennis" em casa dos Marquezes de Valle Flor



D. Maria Isabel Pereira — D. Maria d'Assumpção de Mello — D. Maria do Carmo de Mello e Jorge de Mello.

(Clichés de Eduardo Maya Cardoso — amador).

Marquessa de Valle Flor — Condessa de Figueiró e D. Fanny Munro.

W. Bleck — D. Maria José Ravara — Baroneza de Almeida Santos — D. Gabriela Anjos — Alfredo Abreu — D. Amelia Morales de los Rios — Guilherme Brito Chaves — D. Jenny Valle Flor.

O funeral de Alfredo Keil



A eça

sordido cubiculo em que vivia e a um amigo meu, a quem elle recorreu, ouvi eu dizer isto:

— Oh Fulano, mas você que diz ter dinheiro para o seu enterro... que demonio... Sirva-se d'elle!

— Nada, nada! cortou logo o velhote com vehemencia. Esse dinheirinho para o enterro é sagrado. Não lhe dou outra applicação. Nada! Eu não quero ser pesado a ninguem!

Não queria ser pesado a ninguem, depois de morto, mas ia obrigando a complacencia dos outros a sustentar-lhe a dolorosa existencia.

Que os srs. artistas dramaticos me perdoem o atrevimento da comparação, comquanto, é claro, não a faça em absoluto: mas estão a parecer-se muito com o velhinho de Santa Martha...

Alfredo Keil...

Não é este o logar proprio para d'elle falar, como artista de multiplas aptidões, e a outros com especial competencia deve caber essa missão. Mas eu não ficaria bem commigo mesmo, se no registo dos casos ligeiros da quinzena não abrisse um parenthesis de gravidade para saudar enternecidamente o morto illustre que já descança no reparador somno da Morte.

Foi um grande e generoso espirito; um homem de talento, de character, de coração. Convivemos. Elle teve sempre palavras de muita bondade para mim, para o meu trabalho, para os accidentes dolorosos da minha vida. Acorçoou-me



O funeral de Alfredo Keil. — No cemiterio

(Clichés de A. C. Lima).

fraternalmente nas horas de desanimo, de abatimento moral e physico. Foi uma santa creatura. Eu admirava-o e estimava-o muito. Elle sabia-o e pagava-me estima e admiração com uma sympathia muito affectuosa.

O bom, o encantador Alfredo Keil! Quantas horas deliciosas passei ouvindo-o contar casos da mocidade, aneddotas, a que elle dava um relevo extraordinario, com a inconfundivel graça da sua palavra facil, do sorriso, do gesto, do olhar, que tudo n'elle irradiava a ironia amavel dos que se sentem bem na vida mas não desdenham dos que não se encontram em eguaes condições.

Uma noite encontrámo-nos n'um theatro onde se realisava o ensaio geral do spectaculo, de que fazia parte uma operasinha em um acto. Keil, musico eminente, dava a maxima attenção á execução da partitura. N'um dado momento, virou se para mim e perguntou-me:

— Você percebe alguma coisa de musica?

— Eu, não...

— Pois receba os meus parabens.

— Porque?

— Porque n'este momento é um homem feliz.

— Mas... você não gosta?

— Homem, não me provoque! Não me provoque para eu não desatar a berrar improperios!

— Está dito.

Calámo nos. O panno desceu. Keil cantarolava, nervoso, com uma cara muito arrelhiada. N'isto, chega junto de nós o pobre Salvador Marques, que tambem já não é d'este mundo.

— Então, meu caro Keil, que me diz a isto?

— Eu não digo nada...

— Não gostou?

— Eu? Ora essa! Immenso!... Aqui o Camara Lima é que achou detestavel. Tambem, não percebe nada d'isto...

CAMARA LIMA.

Tanto se pôde ser egual subindo como descendo, mas o sonho da egualdade anda só no animo dos que querem subir.



O funeral de Alfredo Keil. — O coche funebre

Nunca mais!

Meus olhos não brilharam nunca mais,
Desde a hora de dôr em que morreste.
Foi luz que se apagou em brandos ais,
Mas que brilhou enquanto tu viveste.

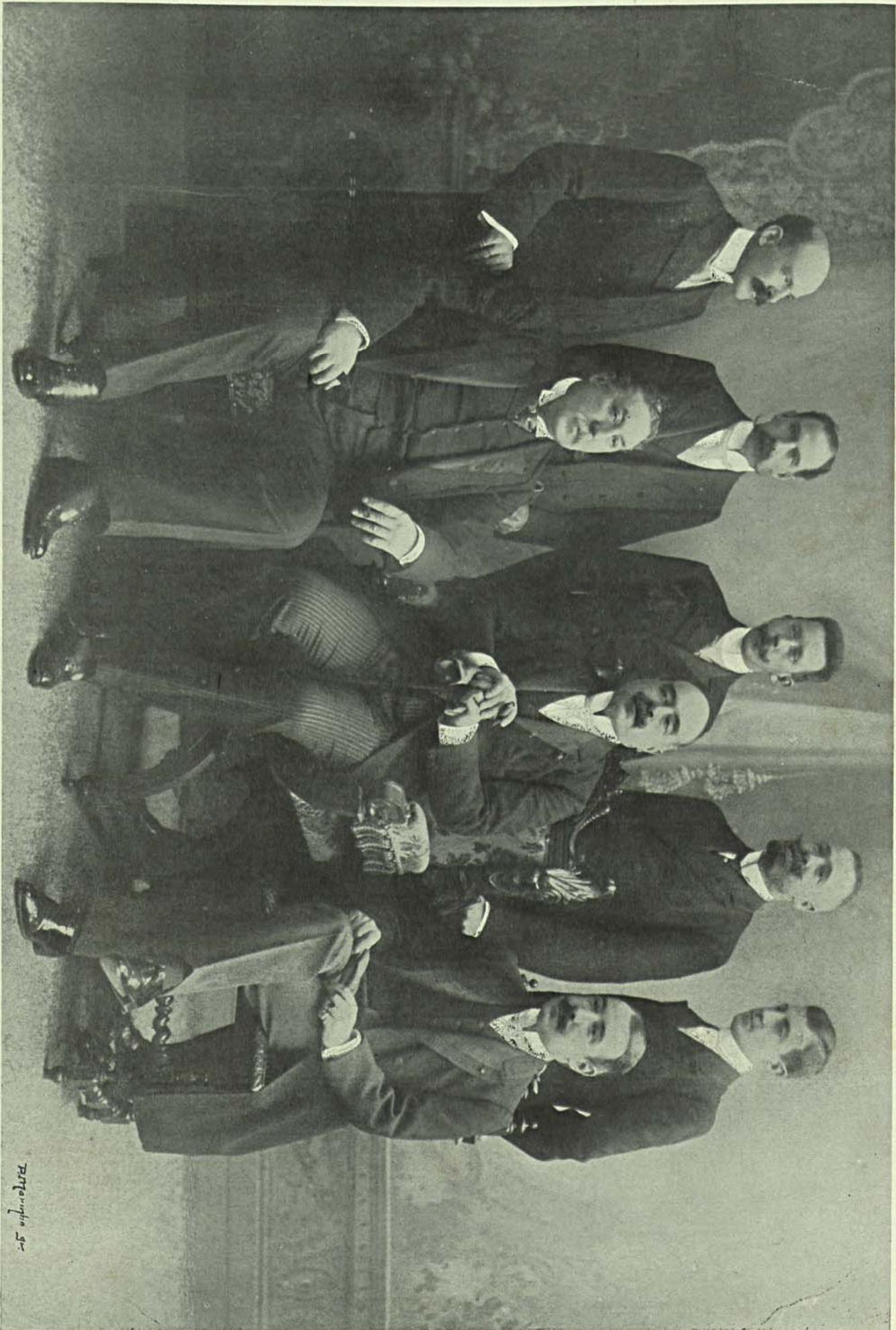
Minha voz nunca mais teve a ternura
Quando falava só, ao pé de ti.
Partiu, voando, para a desventura,
A recordar o tempo em que eu vivi.

Os teus olhos de sonho, enamorados,
Que incensavam, sorrindo, a minha vida,
Lá ficaram na terra, desmaiados.

Só minha alma, a pensar pelos pinhaes,
Ouve, ainda mclancholica e dorida,
A eterna phrase: «Nunca, nunca mais!»

Carlos Cília de Lemos.

A missão portuguesa na conferencia da paz



Portugal 51

Conde de Selir

2.º delegado

Carlos Rangel de Sampaio

Secretário da delegação

Francisco Quintella Sampaio

1.º secretário da delegação

Marquez de Soveral

Chefe da missão

Garcia Rosado

Delegado tecnico militar

Alberto de Oliveira

3.º delegado

Joens Ferraz

Delegado tecnico naval

D. Luiz Henriques Lancastre (Alcaçovas)

2.º secretário da delegação

A igreja de Cedofeita, no Porto

Egrejas, mosteiros e capellas

Nada ha mais discutivel na historia do Porto antigo do que é a epocha da fundação da igreja parochial em que funcionou a insigne collegiada de Cedofeita. Assevera-se que a mandou edificar o rei dos suevos, Riciario, no meado do seculo v e tambem se diz que fôra o rei Theodomiro que a mandou erigir por occasião em que abraçou o christianismo e alli se celebrou o seu baptismo, bem como o de seu filho Ariamiro, isto no seculo vi, e que pelo milagre que obtivera este monarcha por intercessão de S. Martinho, mandara vir de Tours as reliquias d'este patrono a quem dedicou uma collegiada de conegos.

A. Herculano põe em duvida esta asseveração, que consta d'uma inscripção que está sobre a porta principal do templo e que os conegos alli fizeram gravar em 1556, por a terem encontrado em um dos documentos do seu archivo.

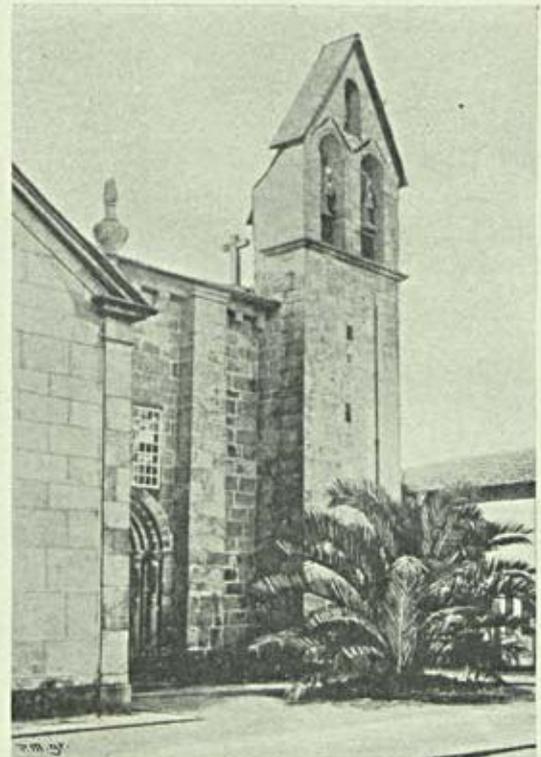
Com esta nota do rei Theodomiro, como fundador da collegiada, anda tambem a tradição de que o nome de Cedofeita provem da exclamação que fizeram os enviados do monarcha, ao chegarem de França com as reliquias do santo e ao verem a igreja concluida, celebraram a brevidade que houve na construcção por este modo: — cedo feita!

Affirmam alguns chronistas que a igreja foi sagrada pelo bispo de Braga, Lucrecio, e assim o diz a inscripção a que nos referimos.

A collegiada teve muita importancia e sustentou o culto atravez das difficuldades que lhe levantavam os arabes no tempo em que dominaram a peninsula; recebia valiosa renda e um enorme imposto que era cobrado na pescaria das costas do norte do reino e teve homens notaveis que presidiram com o titulo de D. Prior de Cedofeita. Entre elles citam-se — D. Beltrão Monsalves, que foi cardeal; D. Jorge do Costa, o celebre cardeal d'Alpedrinha; D. Gonçalo Pereira, que foi depois arcebispo de Braga; D. Henrique, que foi o cardeal-rei; D. João Caetano Orcini, cardeal; D. Nicolau Monteiro e D. José Maria d'Affonseca e Evora, que depois foram bispos do Porto.

As mais estupidas transformações por que pode passar um templo demonstram a ignorancia com que este monumento religioso foi tratado no proposito de o alindarem; mas como a parochia tem augmentado consideravelmente, houve, por parte da meza administrativa do S. S. Sacramento, a ideia de construir uma nova igreja nos terrenos do priorado, e com a natural morosidade que caracteriza as edificações de largo plano, quando feitas á custa de subsidios e esmolas, lá vae seguindo a construcção, inaugurada em 1899 pelo assentamento da primeira pedra.

E' louvavel a iniciativa da confraria a que preside o considerado industrial portuense, Antonio José Gomes Samagaio, por ter obtido uma parte valiosa da demolida igreja de S. Bento d'Ave Maria, varios recursos pecuniarios e alcançado o desenvolvimento d'uma parte da



Porto. — Igreja de Cedofeita

(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

edificação até ao ponto de já este anno ter começado a celebrar-se alli uma solemnidade do culto.

A amplissima parochia, que é actualmente a mais importante da cidade, é regida pelo actual D. Prior, conselheiro Antonio Maria, Corrêa de Bastos Pina, e ainda sustenta o côro ecclesiastico para a celebração dos Officios Divinos, realizando no antigo templo importantes solemnidades.

F. J. Patricio.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Christo conduzindo a cruz

Quadro de Paulo Veronese existente no Museu de Dresden

ASSUMPTOS TAURINOS

"Toros en Madrid,"

As ultimas alternativas

Até agora, são quatro as alternativas dadas, na segunda temporada de *abono*.

Os quatro novilheiros, que tomaram capello na universidade de Madrid, são os que mais sympathias teem de todo o publico.

O primeiro a receber os *trastos* do doutorado das mãos do cathedratico "Machaquito," foi "Manolete."

Não podemos referir-nos largamente ao trabalho do novel doutorado, n'esta tarde, pelo simples facto de lhe faltar a materia-prima, — touros de *verdad*.



Assumptos taurinos

Ricardo Torres "Bombita" dando alternativa a seu irmão Manuel

Não ha memoria em Madrid, de se correrem seis *animalitos* tão egualmente mansos, como os que D. Esteban Hernandez nos forneceu n'esta tarde.

Nem a "Machaquito," apesar de cathedratico, foi permitido luzir-se. Taes eram os bois...

"Manolete," vestido de encarnado e ouro, recebeu os utensilios das mãos do professor; fez um ligeiro *speech* ao presidente, e atirando com *la montera* com desapego, caminhou sereno a defender a *thése*.

Sósinho, e bem chegado ás ventas do bicho, dá-lhe tres passes, dos que se applaudem.

Segue a *faena*; quadra o cornupeto e atíça-lhe um magnifico *pinchazo*. Repete a *lidia*, tranquillo e intelligente, e dá meia estocada *buena*, rematando com outra a segurar; o touro rola e "Manolete," agradece as palmas ao som de um *paso doble*. Aprovado sob os applausos dos Infantes D. Maria Thereza e D. Fernando.

A ultima vez que vimos "Manolete," como novilheiro, foi em agosto. N'essa tarde *el chico* esteve sem-

per adornado, valente e trabalhador. Alternava com elle, n'essa tarde, o desditoso Posadas, que era o mais querido de todos os novilheiros.

Da corrida do doutorado depende o bom ou o mau *cartel* do novo doutor. O publico que é alli o jury soberano, premiou com palmas o pouco luzido trabalho de "Manolete," attendendo ás suas magnificas provas dadas anteriormente, pois que são ellas, a elegancia nos *recortes* e nas *verónicas*, e o *arrimarse* bem á *los pitones*, qualidades primaciaes n'um matador de touros.

O segundo a ser armado em famoso espadachim de redondel, foi

o "Moreno de Alcalá."

Armou-o em guerreiro, dando-lhe o sabre e o escudo de percal, o *diestro* "Algabeno."

Os touros que eram do Duque de Verágua, não sahiram maus: bravos no primeiro terço, afrouxando no segundo, e duvidosos no terceiro; no entanto prestaram-se á lide.

"Moreno de Alcalá," pouco senhor, por emquanto, dos multiplices segredos da arte de tourear, mostrou pouca esthetica nos movimentos a par de uma valentia pouco vulgar.

Se me perguntarem se, com o tempo, poderá vir a ser um toureiro completo, direi redondamente que sim! Tem todas as faculdades de o poder ser, não lhe faltando a principal: — a valentia.

O seu trabalho foi o mais luzido e o que mais enthusiasmo despertou no publico, na tarde da sua alternativa.



Notas de "Sport"

Campeonato de nataçào

E. Dumont Villares,

o vencedor da «Taça D. Carlos», em 1907

Os *maestros* que o apadrinharam, pouco fizeram, chegando por vezes a encostarem-se receiosos de uma colhida, receio que muito mau effeito produz aos assistentes.

"Moreno," tem pois garantido o seu *cartel* na primeira praça de Hespanha.

"Bombita III.," terceiro tambem a doutorar-se na grande academia *madrileña*.

Não podeis calcular, estimado leitor, o enthusiasmo, o delirio, o phrenesi que houve com "Regaterin," y con los *muchachos* "Bombas,"!



Notas de "Sport" — Campeonato de nataçào

A «Taça D. Carlos» offerecida por El-Rei

(Cliché de J. Fernandes — Lisboa).

A corrida que até ao quarto touro esteve monotona, metamorphoseou-se, no quinto e no sexto, n'uma alegria e n'um enthusiasmo pouco vulgar nos redondeis.

O sexto touro era da *ganaderia* de Benjumea, e chamava-se Bi-



Notas de "Sport" — No «Sporting» de Cascaés

Uma partida de «Diabolo», o divertimento da moda. No primeiro plano: as filhas das *sras.* Marqueza de Guell y Bourbon e Condessa de Jymenez de Moína

(Cliché de A. Salgado — Lisboa).

gotero, mas apesar do seu apódo e da sua bravura, não conseguiu *bigodear el chico III*.

"Bomba II.," a meu ver, disse ainda no hotel, ao mano menor: — Mano! tu por mi y yo por ti! O' nos quedamos los dos, ú nuestro nombre, nombre de nuestra familia, no más será olvidado.



Guilherme F. Pinto Basto

E assim foi: o nome não mais será esquecido, e Manolo, *el III de los "Bombas"*, confirmou o valor da sua dynastia.

Dulzuras, fez a seguinte suggestiva quadra:

"Al morrillo con la mano,
"llegarás querido hermano,
"si quieres ser buen torero,
"y ganar mucho dinero."

E esta foi a prédica que Ricardo fez a Manuel, no acto de lhe entregar o estoque que *fué de su hermano mayor!*

E o infante, tomando o historico sabre da familia, das mãos de *su hermano II*, soube mais uma vez ensanguentalo com bravura e saber, despachando o

inimigo *Bigotero*, d'esta, para os talhos, com uma estocada até ás unhas.

Em bandarilhas, levantou Manolo, *el III*, o publico em peso, com um superior par collocado a cambio.

Com o capote desenhou deliciosas filigranas a despique com o "Regaterin", e com seu irmão Ricardo.

Não se pode calcular o que os tres matadores fizeram, brincando com o *Bigotero*, que parecia gostar da piada?

Deu-nos a idéa exacta de um grupo de rapazes jogando a *cabracéga*. Com tanta naturalidade, com tanta graça e com tanta elegancia e arte, nunca meus olhos viram trabalhar.

O publico, de momento a momento, levantava-se n'uma ovação delirante; o bravo do espontaneo *olé!* era unisono. Não houve, não ha, nem pode haver melhor.

A corrida da alternativa de "Bombita III", ficou gravada nas paginas da historia da praça de Madrid.



Notas de "Sport" — Campeonatos internacionaes de «tennis»
Uma parte da assistencia

Foi chamado a capitulo no domingo 13, o noviheiro Martin Varquez, para alternar com Vicente Pastor e "Mazzantinito".

A tarde é chuvosa e fria.

Ao som das notas bellicas de *las trompetas*, fazem as *cuadrillas el paseo*.

O presidente levanta a seguir o lenço vermelho e os cornetins tocam *á salir el primero del ganadero Becerra*.

De cabeça levantada e trémula, sahe "Culi-blanco".

A gente de *pelo largo* admira-o e procura adivinhar-lhe a indole.

Vazquez, dá-lhe uns recórtes elegantes e colloca-o em frente da cavallaria, que elle vistosa e imponentemente, destroça, inutilisa e mata.

Chega o momento solemne: Vicente Pastor, com os *avios* na mão, dirige-se, com pompa, ao joven esgrimista que o espera, humilde, sob o camarote da auctoridade, e diz-lhe:

Compañero: toma esto y á vér como te sales!...

O novel *escrimeur* tomando o espadim e a bandeira escarlata, vestindo de *plomo y oro*, dirige-se ao inimigo resolute e decidido, e dá principio ao assalto, sem se distanciar, dá o primeiro toque, mais outro, e o adversario ao *mugir-toucher* —



Notas de "Sport" — Campeonatos internacionaes de «tennis»
El-Rei e a sr.ª D. Constança Lisboa de Sousa Coutinho
com suas filhas, assistindo a uma das partidas

quasi toca no ventre de Vazquez, que finalmente, n'um *fond* o faz ajoelhar e entregar o corpo ao cuidado dos *monos-sabios*. Pouco, muito pouco, foi o que o novel *maitre* nos mostrou do seu valor.

Segue a corrida, fria de *lide* e de temperatura. Uma chuva impertinente obriga-nos a conservar o *paraguas* aberto, e o "Mazzantinito", a descalçar-se.

Vem o sexto — *el "Liston"*, — que é recebido por Vazquez com umas *verónicas*, com estylo, pelo que ouve grandes applausos.

"Liston", volta a cara á cavallaria, pelo que é condemnado a receber bandarilhas de valverdes e de bombas de pataco.

Retirada a cavallaria, vem *el chico de Alcalá*, já de posse do *regium exequatur*, e, apesar de quasi noute, esgrime com valentia e adorno, parando n'alguns assaltos, e estendendo os braços, como os mais valentes, iguala o adversario e marcando *bien al morrillo* consegue dar-lhe uma *á fond en todo lo alto*, da qual dobra para sempre *el "Liston"*.

Vazquez recebe uma justa e prolongada ovação, e é levado aos hombros dos seus afeiçoados. E assim ficou proclamado *maitre d'armes* da arte de "Espartero", de Carmona, e de Montes.

Que Deus lhe conserve os corpinhos para ganharem *muchas miles de pesetas*.

No proximo numero daremos conta da alternativa de "Relampaguito", com touros de Luiz da Gama, nos quaes os habitantes de Madrid teem toda a sua attenção.

Venham os portuguezes do nosso Luiz da Gama!

Madrid, 15 de outubro de 1907.

TRINDADE BAPTISTA.

Por muito sol que haja n'uma intelligencia, ha sempre recantos que ficam na sombra.



Notas de "Sport" — Campeonatos internacionaes de «tennis»

Grupo d'alguns dos jogadores entre os quaes os srz. Guilherme F. Pinto Basto principal organisador d'estas provas, e D. José de Romero y Dulmel,

(Clichés de A. Salgado — Lisboa.)